

5 CAPÍTULO

Os defeitos de um texto

De obsessão em obceção

“OBSESSÃO – Preocupação com determinada idéia, que domina doentiamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalçados.” (Dicionário Aurélio)

Exemplo:

- Será que eu apaguei a luz do banheiro? – pergunta ele.
- Eu é que vou saber? – responde ela.
- Tenho certeza que apaguei.
- Então apagou. Vamos dormir.
- Devo ter apagado. Sou eu quem sai apagando as luzes nesta casa.

Luzes que você sempre deixa acesas. Apaga quem paga.

- Agora quer pôr a culpa em mim – e ela suspira fundo, completamente acordada: – Esquece de apagar a luz do banheiro e depois reclama que estamos gastando muita luz.

- Tenho quase certeza que apaguei – diz ele para si mesmo, sentando-se na cama, pensativo.

- Você disse que tinha certeza. Agora já está no quase. O melhor é ir ver de uma vez.

Ele se ergue a custo, entre resmungos, e lá vai arrastando as pernas até o banheiro, no fim do corredor. Em pouco está de volta:

- Eu sabia que tinha apagado.

Deita-se, desliga a luz de cabeceira, mas não dorme imediatamente. A mulher dá com ele semi-erguido, apoiando-se nos cotovelos:

- Que foi, agora?
- A luz do banheiro. Será que eu deixei acesa, quando fui olhar se tinha apagado?

E vai olhar outra vez.

Resultante ou não de sentimentos recalçados, é sem dúvida uma idéia que domina doentiamente o seu espírito, capaz de fazê-lo ir uma terceira vez ao banheiro, e outra mais, para nada, senão verificar se da última não teria deixado a luz acesa. Poderá, mesmo, ficar nisso até o amanhecer.

Falei em obsessão, porque ultimamente ando um pouco preocupado com meu próprio caso. Não sei se chega a constituir também uma idéia que domina doentiamente o meu espírito – mas que dizer, por exemplo, da vacilação quando escrevo a própria palavra obsessão, será com s ou c? Embora tenha absoluta certeza de que é com s, acabo indo olhar no dicionário pela milésima vez. E resta sempre a incerteza em relação à última sílaba, com dois s ou com c cedilha. Para tirar qualquer sombra de dúvida, tenho de olhar de novo.

Não chego a ter aquelas obsessões que atormentavam os personagens de Dostoiévski, como Stravogine, que só pensava em puxar o nariz do governador (acabou puxando). Nunca me ocorreu puxar o nariz de ninguém. Minhas obsessões são de outra natureza.

Pode ser que não se chame propriamente de obsessão o que me aconteceu naquela livraria, por exemplo.

Comecei por cometer a imprudência sempre temida: entrar em livraria com um livro debaixo do braço. O pior é que se tratava de livro novo, adquirido havia pouco noutra livraria.

Mal entrei, um vendedor se aproximou:

- Às suas ordens.

Murmurei confusamente umas palavras cujo significado pretendia ser o de que eu estava só querendo dar uma olhada.

- Algum livro em especial? – ele insistiu ainda.

Diante de meu silêncio, acabou desistindo, e se afastou, já desinteressado de mim. Mas não me senti à vontade, pois outro vendedor, de longe, passara a acompanhar-me os movimentos com olhos distraídos. Certamente fingia nada perceber, o finório, pois sem dúvida já havia visto o livro debaixo de meu braço e aguardava apenas que eu saísse da loja para me apanhar em flagrante. Parecia, mesmo, haver para isso escolhido uma posição estratégica junto à porta.

O temor de ser tomado por ladrão de livros: esta a minha obsessão. Ou estaria exagerando? Pois o vendedor parecia haver passado da suspeita a uma ostensiva vigilância. Julguei ver até certo ar irônico na maneira casual com que ele veio se aproximando, como quem diz: deixa estar que eu já te pego.

Para disfarçar, voltei a olhar a estante, dando-lhe as costas. Descobri, fascinado, que me detivera justamente em frente a uma prateleira na qual se alinhavam vários exemplares da obra que eu havia comprado – era um lançamento recente, que vinha fazendo sucesso. Pus-me a folhear o meu, tentando naturalidade.

- Quer que embrulhe?

O tom gentil de sua voz era melífluo, mal lhe encobria a malícia.

Como então ele queria me apanhar com a boca na botija! Por um momento vacilei. Inclinado a aceitar o oferecimento, era a solução mais fácil: deixava que embrulhasse o livro, pagava de novo por ele e saía dali embrulhado mas livre daquela aflição.

Era demais para o meu amor-próprio. Eu não poderia me submeter àquela humilhação – e àquele prejuízo. Seria tão mais simples dizer candidamente:

– O senhor está enganado: este livro já é meu, foi comprado por mim mesmo ali na outra livraria.

Provavelmente haveria no diabo do livro um carimbo ou outra marca particular com que as livrarias costumam identificar sua mercadoria. Em vez disso, disfarcei a ansiedade num falso bocejo de tédio:

– Muito obrigado, estava apenas olhando...

E num gesto o mais descontraído possível, enfiei o volume entre os demais exemplares na prateleira. Depois olhei ao redor as mesas e estantes abarrotadas de livros, com ar displicente de quem diz “não há o que ler”, e fui saindo, sob o olhar indiferente do vendedor.

(SABINO, Fernando. *O gato sou eu*. 12. ed. Rio de Janeiro, Record, 1984. p. 70.)

EXPLICANDO O TEXTO

1. Dê o significado das seguintes palavras que aparecem no texto: recalcados, vacilação, finório, melífluu.
2. Em que pessoa é narrado o texto?
3. Qual a função da linguagem que predomina no trecho “OBSESSÃO – Preocupação com determinada idéia, que domina doentamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalcados.”?
4. O primeiro episódio (luz do banheiro) exemplifica um tipo de obsessão. Qual era essa obsessão?
5. Cite o trecho que comprova que a preocupação com a idéia “será que apaguei a luz do banheiro?” se tornou obsessiva.
6. Qual a importância desse primeiro episódio para a estrutura da narrativa?
7. O narrador falou em obsessão porque:
 - a) não sabia como escrever a palavra obsessão.
 - b) não tinha certeza se apagou a luz do banheiro.
 - c) estava preocupado com seu próprio caso.

- d) detesta entrar em livrarias.
 - e) é um psicólogo interessado no tema.
8. Por que pode ser considerada uma imprudência entrar em uma livraria com um livro debaixo do braço?
 9. Qual a obsessão que perseguiu o narrador dentro da livraria?
 10. Por que o narrador não aceitou a sugestão, apresentada pelo vendedor, de embrulhar o livro?
 11. Qual o significado da expressão popular “apanhar com a boca na botija”?
 12. Aponte, no texto, um exemplo de monólogo.
 13. No trecho “... outro vendedor, de longe, passara a acompanhar-me os movimentos com olhos distraídos”, o que indica o pronome **me**?

Os defeitos de um texto

Inúmeras vezes, ao escrever, você deve ter tido preocupações semelhantes às do narrador do texto de Fernando Sabino: esta palavra se escreve com **s** ou com **z**? E esta, é com **x** ou com **ch**? Será que esta frase ficou clara? Será que não estou me estendendo demais sobre o assunto?

Ao escrever, devemos evitar defeitos que podem prejudicar a compreensão do nosso texto. No capítulo anterior, tratamos das qualidades que devem ser cultivadas: clareza, concisão e correção. Vamos agora tratar de alguns defeitos que empobrecem o texto.

Ambigüidade

Ocorre ambigüidade (ou anfibologia) quando a frase apresenta mais de um sentido.

Ocorre geralmente por má pontuação ou mau emprego de palavras ou expressões. É considerada um defeito da prosa, porque atenta contra a clareza. Veja agora alguns exemplos de frases ambíguas:

João ficou com Mariana em sua casa.

Alice saiu com sua irmã.

Nesses exemplos, a ambigüidade decorre do fato de o possessivo **sua** poder estar se referindo a mais de um elemento. Portanto, muito cuidado no emprego desse pronome possessivo. Você pode evitar a ambigüidade, substituindo-o por **dele(s)** ou **dela(s)**.

Observe alguns outros exemplos:

Matou o tigre o caçador.

Pela quebra da ordem direta da oração não se sabe qual é o sujeito e qual é o objeto.

Visitamos o teatro do vilarejo, que foi fundado no século XVIII.

Nessa construção, temos dois antecedentes que podem ser retomados pelo pronomes relativos **que**. O que foi fundado no século XVIII: o teatro ou o vilarejo?

Obscureza

Obscureza significa “falta de clareza”. Vários motivos podem determinar a obscureza de um texto: períodos excessivamente longos, linguagem rebuscada, má pontuação. Observe:

Encontrar a mesma ideia vertida em expressões antigas mais claras, expressiva e elegantemente tem-me acontecido inúmeras vezes na minha prática longa, aturada e contínua do escrever depois de considerar necessária e insuprível uma locução nova por muito tempo.

Incompreensível, não é? O parágrafo é formado por um único período; além de longo, é muito rebuscado e mal pontuado.

Pleonasmos

O pleonasmos (ou redundância) consiste na repetição desnecessária de um conceito. Veja:

A brisa matinal da manhã enchia-o de alegria.

Ele teve uma hemorragia de sangue.

Convém notar, no entanto, que bons autores costumam recorrer ao pleonasmos com função estilística, a fim de tornar a mensagem mais expressiva. Nesse caso, o pleonasmos não é considerado um defeito. Veja os exemplos abaixo:

“A mim, ensinou-me tudo.” (Fernando Pessoa)

“A ti, trocou-te a máquina mercante.” (Gregório de Matos)

Cacofonia

A cacofonia (ou cacófono) consiste num mau som obtido pela união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais de uma outra. Veja:

Nunca gaste dinheiro com bobagens.

Uma herdeira confisca gado em Mato Grosso.

Estas ideias, como as concebo, são irrealizáveis.

Eco

Consiste na repetição de palavras terminadas pelo mesmo som. Observe:

A decisão da eleição não causou comoção na população.

O aluno repetente mente alegremente.

Prolixidade

A prolixidade consiste em se utilizar mais palavras do que o necessário para exprimir uma ideia; é, portanto, o oposto da concisão. Ser prolixo é ficar “enrolando”, “enchendo lingüiça”, não ir direto ao assunto.



(Martins Fontes, 1991. (Quino, Toda Malhada, São Paulo)

O uso de cacotes, expressões que não acrescentam nada ao texto, servindo tão-somente para prolongar o discurso, também pode tornar um texto prolixo. Expressões do tipo: “antes de mais nada”, “pelo contrário”, “por outro lado”, “por sua vez” são, muitas vezes, utilizadas só para prolongar o discurso. Cuidado com elas.

Veja o exemplo abaixo:

Os jovens têm algo a transmitir aos mais velhos?

Não saberia responder com exatidão. Há sempre uma eterna divergência entre as gerações. Os jovens pensam de um jeito, às vezes, estranho, que chega a escandalizar os mais velhos.... Já os mais velhos, por outro lado, costumam, na maioria das vezes, achar que os mais jovens, em alguns casos, não têm nada a transmitir aos mais idosos.

Além dos defeitos que apontamos, procure também evitar as frases feitas, os chavões, pois empobrecem muito o texto. Veja alguns exemplos:

- inflação galopante
- vitória esmagadora
- caixinha de surpresas
- caloroso abraço
- silêncio sepulcral
- nos píncaros da glória

Leia, a seguir, as orientações do *Manual do candidato*, da Unicamp (SP):

Na avaliação da redação serão considerados os seguintes itens:

- e) Presença de linguagem original e criativa em contraste com a ocorrência de clichês e "frases feitas". A linguagem criativa não é, obviamente, exigida, mas ela valoriza a redação, quando utilizada adequadamente.

PRODUZINDO TEXTO

Relate, em primeira pessoa, um fato qualquer em que o personagem que você criar seja caracterizado, do ponto de vista psicológico, por uma forte obsessão.

Exercícios

1. "Incomodado por uma irritação na pálpebra esquerda, o ex-presidente do Corinthians, Vicente Matheus, queixou-se a um amigo. 'É um terço', diagnosticou o cidadão. Ao encontrar outro conhecido, Matheus já foi antecipando que estava com um 'terço no olho'. 'Mas isso é pleonasmão', retrucou o segundo. Quando um terceiro amigo perguntou ao folclórico ex-car-tola o que ele tinha, Matheus não titubeou: 'Ah, sei lá. Cada um diz uma coisa. Ou é um terço ou é um pleonasmão'."
- (*Folha de S. Paulo*, 23 jul. 1995.)
- a) Por que a expressão "terço no olho" é considerada um pleonasmão?
- b) O aspecto cômico do texto decorre do fato de Vicente Matheus ter atribuído a uma palavra sentido diverso do original. Que palavra é essa? Qual o sentido que ele atribuiu a ela?

2. Em um programa de televisão do tipo mesa-redonda de futebol, o apresentador, ao divulgar um dos produtos que patrocinam o programa (o cartão de crédito Bradesco Visa Afimidade), afirmou:

"Se você ainda não tem o seu cartão de crédito Palmeiras-Bradesco-Visa, solicite um. Para ter o seu cartão de crédito Palmeiras-Bradesco-Visa, você não precisa ser sócio do clube, e - o que é melhor - não precisa ter conta no Bradesco".

Do jeito que foi enunciada, a fala do apresentador provoca uma interpretação estranha.

- a) Qual a interpretação estranha?
- b) Que será que o apresentador quis dizer?
- c) Reescreva o período de modo a desfazer essa interpretação.

3. (FCMSCSP) Assinale a letra que corresponde à melhor redação,

considerando correção, clareza e concisão.

- a) Não me lembro o tempo que eu nasci, onde não me vi e não sei o que se passou.
- b) Não me vi nascer, não me lembro de nada que se passou naquele tempo.
- c) Eu não vi o meu nascimento, portanto, não recordo do que passou naquele tempo.
- d) O que passou-se no momento onde nasci, não me lembro, visto que não vi-me nascendo.
- e) Não assisti eu nascer, por isso não recordo nada do que passou-se naquele tempo.

4. (FCMSCSP) Assinale a letra que corresponde à melhor redação, considerando correção, clareza e concisão.

- a) Os candidatos foram solicitados dos indicar suas opções.
- b) Aos candidatos foram-lhes solicitados indicarem suas opções.
- c) Solicitaram os candidatos de que fizessem a indicação de suas opções.
- d) Solicitou-se aos candidatos que indicassem suas opções.
- e) Fizeram-se aos candidatos a solicitação da indicação por suas opções.

5. (Ceeteps-SP) Torne o texto abaixo mais enxuto, mais conciso: elimine palavras desnecessárias.

"A árvore, oca por dentro, era muito elevada, tinha vinte metros de altura total, do chão ao topo: estava, por esta razão, prestes a cair, daí a instantes, para baixo."

6. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição efetuada não altera o sentido fundamental do enunciado:

- "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram".
- a) Através dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
- b) Em razão dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
- c) A despeito dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
- d) Diante dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
- e) Depois dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

7. (Fuvest-SP) Assinale a frase que não contém ambigüidade.

- a) Peguei o ônibus correndo.
- b) Esta palavra pode ter mais de um sentido.
- c) O guarda deteve o suspeito em sua casa.
- d) O menino viu o incêndio do prédio.
- e) Deputado fala da reunião no canal 2.

8. (OMEC-SP) Assinale o vício de linguagem da frase seguinte: "Ele prendeu o ladrão em sua casa".

- a) colisão
- b) anfibologia
- c) preciosismo
- d) eco
- e) cacofonia

9. (Unesp) Emprega-se o termo **solecismo** para indicar o uso errado da concordância, regência ou colocação. Aponte a única alternativa em que não ocorre tal erro.

- a) Faz cinco anos completos que não visito o Rio.
- b) Devem haver explicações satisfatórias para este fato.
- c) Haviãam vários objetos espalhados sobre a mesa.
- d) Se lhe amas, deves declarar-te depressa.
- e) Fazem já vinte minutos que começaste a prova.

10. (FAUS-SP) Leia o texto e responda à questão.
Num tribunal, a testemunha afirmou:

- Eu vi o desmoronamento do barracão.

O juiz ficou em dúvida quanto às hipóteses:

- 1.^a) A testemunha viu o barracão desmoronar.
- 2.^a) A testemunha estava no barracão e de lá viu um desmoronamento.

Este fenômeno é chamado de:

- a) ambigüidade

- b) pleonasmismo
- c) cacofonia
- d) silepse
- e) redundância

11. (UFUB-MG) Qual o vício de linguagem que se observa na frase:

"Eu vi ele não faz muito tempo"?

- a) solecismo
- b) cacófato
- c) arcaísmo
- d) barbarismo
- e) colisão

12. (UFMG) Sem alterar o sentido do período, reescreva-o, eliminando as palavras destacadas e fazendo as adaptações necessárias.

O que é indispensável é **que** se conheça o princípio **que** se adotou para **que** se avaliasse a experiência **que** se realizou ontem, a fim de **que** se compreenda a atitude **que** tomou o grupo **que** foi encarregado do trabalho.

NICOLA, José e TERRA, Emani. *Curso prático de língua, literatura e redação*. 5. ed., São Paulo: Scipione, 1997.